



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Record

Brasília-DF, 30 de outubro de 2006

Jornalista Adriana Araújo: Boa noite a todos. Boa noite, Presidente. Parabéns pela vitória e, desde já, muito obrigada por conceder esta primeira entrevista exclusiva, após a reeleição, ao Jornal da Record.

Presidente: Boa noite Adriana, e boa noite ao telespectador da Record. Na verdade, esta vitória nós devemos ao povo brasileiro, e eu acho que a democracia ganhou.

Jornalista: Presidente, sete e meia da noite, exatas 24 horas após a confirmação da reeleição. A apuração mal tinha acabado e assessores próximos, colaboradores muito próximos ao senhor disseram que era o fim da Era Palocci. Essa declaração, inclusive, provocou uma pequena alta do dólar e queda da Bolsa. Exatamente, o que isso quer dizer? Significa que, para o Brasil crescer mais rapidamente, o senhor vai tolerar uma inflação um pouco maior?

Presidente: Não quer dizer nada, porque não teve Era Palocci, como não tem Era Guido Mantega, ou seja, a política econômica do nosso governo era determinada pelo governo e, sobretudo, por mim, nada era feito sem que passasse pela discussão comigo. O que nós precisamos entender é que nós estamos colhendo, hoje, coisas que foram plantadas no tempo do Palocci, a política econômica brasileira está mais sólida. Hoje, nós podemos falar com muita tranquilidade que nós queremos apostar no desenvolvimento econômico, e na distribuição de renda e numa educação de qualidade, porque nós fomos muito responsáveis na condução da política econômica. Obviamente que todo



mundo queria que crescesse um pouco mais, e eu também queria, mas não era possível compatibilizar o crescimento com o controle da inflação. Agora, eu posso dizer que a economia vai crescer.

Jornalista: Agora, vai ser trocada a meta de inflação por uma meta de desenvolvimento, de crescimento?

Presidente: Não, não vamos mexer na meta de inflação. A inflação, para nós, é condição básica para manter o poder aquisitivo do povo pobre deste País. Nós vamos continuar com uma política fiscal responsável, vamos ter meta de inflação e vamos trabalhar para a economia crescer, tanto com o setor público e com o setor privado.

Jornalista: Hoje a Presidência soltou uma nota confirmando a permanência do ministro da Fazenda Guido Mantega, por causa desses rumores da saída dele. Permanece até quando? No segundo mandato, inclusive?

Presidente: Adriana, eu acho um absurdo essa especulação. Primeiro, quem ganhou as eleições fui eu, quem troca ministro sou eu, quem indica ministro sou eu. Eu não sei porque as pessoas especulam tanto sobre coisas que não deveriam especular. É um problema meu, eu não tenho pressa, eu tenho até o dia 1º de janeiro para indicar o novo Ministério, e o Guido Mantega fica no Ministério, a política econômica se mantém, com um atenuante importante, ou seja, nós vamos priorizar o desenvolvimento econômico e o crescimento da economia.

Jornalista: Eu posso compreender, então, que para o segundo mandato, a permanência dele ou não, o senhor vai avaliar. Até o final desse mandato, ele fica. É isso?



Presidente: Você pode avaliar que o Guido Mantega é o meu ministro da Fazenda, o Meirelles é o presidente do Banco Central, o Tarso Genro é o coordenador político, a Dilma é ministra da Casa Civil, e isso se mantém até que eu decida manter ou não. O que eu não posso é ficar trabalhando na base do palpite.

Jornalista: Presidente, uma das primeiras decisões de 2007 é o salário mínimo. O senhor se compromete com um reajuste acima da inflação? E de quanto seria?

Presidente: Veja, nós discutiremos o salário mínimo no momento em que tivermos que discutir o salário mínimo. Eu tenho o desejo, a disposição política de continuar recuperando o poder aquisitivo do salário mínimo. Já recuperamos razoavelmente bem, mas o salário mínimo sempre é pouco, porque é o mínimo, e nós vamos tentar continuar melhorando o salário mínimo. Eu estou convencido de que o Brasil está preparado, vivendo um momento muito importante para dar um salto de crescimento na economia, que vai permitir arrecadar mais e, conseqüentemente, aumentar o salário mínimo.

Jornalista: Presidente, ontem o ex-ministro José Dirceu concedeu uma entrevista exclusiva para a Record e defendeu que o segundo mandato do senhor seja voltado para o desenvolvimento, o que coincide com o pensamento do senhor. José Dirceu terá um papel formal no seu próximo mandato?

Presidente: Não. Primeiro, o José Dirceu é um homem cassado politicamente, o José Dirceu foi cassado por 10 anos. Ou seja, nós decidimos, 4 meses atrás, que o meu segundo mandato seria de desenvolvimento, distribuição de renda e educação de qualidade. Esse compromisso é um compromisso que nós vamos



cumprir. Temos projetos, os projetos estão todos em andamento, e eu agora vou trabalhar intensamente, novembro e dezembro, para que a gente chegue, no começo do ano, com os projetos todos engatilhados.

Jornalista: Presidente, 58 milhões de votos, uma grande parte das pessoas mais pobres da sociedade brasileira. Ontem, no seu primeiro pronunciamento, após confirmada a reeleição, o senhor disse que vai governar para os pobres. O senhor não teme, com esse discurso, com essa promessa, excluir segmentos importantes, a classe média, por exemplo? O senhor não teme rachar o Brasil?

Presidente: Veja, isso foi levantado pela oposição durante a campanha, que eu queria dividir o Brasil. O resultado eleitoral foi exatamente outro: o Brasil está mais unido do que nunca. Eu penso que todos nós, seja o prefeito de uma cidade, o governador de estado ou o presidente da República, temos que governar para todos: temos que governar para os empresários, temos que governar para a classe média, temos que governar para os pobres. Agora, dentre todos os segmentos da sociedade, tem um mais necessitado, é esse exatamente que nós precisamos priorizar com as nossas políticas públicas, para que ele possa subir para a classe média.

Jornalista: Quando o senhor diz que vai governar para os pobres significa que a prioridade de investimento, no segundo mandato, vai ser para as regiões Norte e Nordeste, onde os indicadores sociais indicam que há pobreza maior que todos os outros índices sociais?

Presidente: Veja, cada estado e cada região tem sua peculiaridade. Você pega o estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, é um estado que tem um alto índice de formação profissional, é um estado muito qualificado



tecnicamente, mas está em um retrocesso econômico que nós não poderemos permitir que continue. Então, nós vamos ter políticas para ajudar o Rio Grande do Sul. São Paulo tem a sua característica própria, Minas Gerais... Quais são as partes do Brasil que mais precisam da intervenção do Estado? É o Nordeste e o Norte do País. E nós vamos trabalhar, sabendo que precisamos partilhar o pão com todos, mas aqueles estados que precisam que nós alavanquemos mais rápido, nós vamos trabalhar isso com prioridade. Isso é muito importante, porque na hora em que nós tivermos um Brasil mais igual, mais equânime, vamos ter menos miséria e vamos ter mais gente participando da classe média.

Jornalista: Analisando os dados da votação da eleição pelos estados, a gente percebe que, na eleição de 2002, o senhor ganhou na maioria absoluta dos estados. Agora, o senhor perdeu em alguns estados importantes, São Paulo, e os estados do Sul do País. Por que esses estados estão insatisfeitos com o senhor?

Presidente: Primeiro, porque você não pode ganhar todas as vezes em todos os estados. Segundo, porque a eleição de 2006 é uma eleição que não foi a de 2002.

Jornalista: Mas há uma razão de insatisfação específica?

Presidente: Eu não acredito. Obviamente que você pode ter a questão da agricultura, em um estado como o Rio Grande do Sul, mas vamos analisar o seguinte: nos estados em que eu ganhei as eleições, eu ganhei com 70%, 75% e até com 80 e poucos por cento eu ganhei, e perdi nos estados do Sul com uma diferença pequena entre 5% e 7%. Veja que no segundo turno, só nós crescemos, e crescemos exatamente no Sul do País, em uma demonstração de que acabaram as eleições, Adriana. Agora não existe mais estado em que



se perdeu, estado em que se ganhou, agora existem 190 milhões de brasileiros divididos geograficamente pelos estados e nós precisamos governar para todos, e é isso que eu vou fazer.

Jornalista: O senhor, no pronunciamento de ontem, já deu um sinal de bandeira branca para a oposição: disse que ganhou a eleição, mas não é o dono do Brasil, e que precisa de todos para governar. De imediato, o que o senhor já fez ou vai fazer para formar as alianças e para ter uma convivência pacífica ou civilizada com a oposição?

Presidente: Eu acho que você disse a palavra correta: é preciso ter uma relação civilizada. Oposição é oposição, situação é situação em qualquer lugar do mundo. Não existe essa de alguém perder a eleição e governar, ou quem ganhar não governar. O que nós precisamos é ter uma relação muito civilizada para definir corretamente a separação do joio do trigo. Não tem projeto pessoal do presidente da república, os projetos são de interesse do Brasil. Quando for um projeto para o Congresso Nacional, que seja de interesse do Brasil, que as pessoas votem e, depois, se quiserem fazer crítica ao presidente, que façam, mas votem os projetos. E eu volto a repetir: a questão da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa precisa ser votada, a questão do Fundo Nacional de Educação Básica precisa ser votada, porque são projetos extremamente importantes. A reforma política vai ter que ser votada. Pode não ser aquela que eu sonho, mas eu acho que será uma que pode ser consensuada entre todos os partidos políticos ou, pelo menos, pela maioria.

Jornalista: Presidente, eu sei que o nosso tempo está se esgotando, mas, para encerrar, eu queria saber qual é o sentimento do senhor hoje: maior é o alívio pela vitória, a alegria pela vitória, ou maior é a preocupação pelo segundo mandato que vem por aí e que o senhor já disse que tem que ser melhor?



Presidente: Alegria pela vitória e, ao mesmo tempo, eu estou certo de que tenho maior responsabilidade no segundo mandato. Primeiro, para não permitir que aconteçam erros que aconteceram no primeiro mandato. Segundo, para a gente corrigir aquilo que não deu certo. Terceiro, para a gente aprimorar aquilo que deu certo. Eu, particularmente, acredito que nós temos todas as condições de fazer um excepcional segundo mandato.

Jornalista: Presidente, muito obrigada, mais uma vez, por conceder esta primeira entrevista exclusiva após a reeleição para o Jornal da Record, e eu gostaria de desejar ao senhor um ótimo segundo mandato.

Presidente: Obrigado, Adriana.